

Neil Brenner

Seria o “urbanismo tático” uma alternativa ao urbanismo neoliberal?

A

B

C

D

E

1 2 3 4 5 6

Neil Brenner

é professor de Teoria Urbana na Harvard Graduate School of Design (GSD). Sua escrita e ensino se concentram nas dimensões teóricas, conceituais e metodológicas das questões urbanas. Seu trabalho baseia-se em procura ampliar os campos de estudos críticos urbanos e regionais, economia geopolítica comparativa e teoria socioespacial radical. Os principais focos de investigação incluem processos de reestruturação urbana e regional e desenvolvimento espacial desigual; a generalização da urbanização capitalista; e os processos de reestruturação espacial do estado, com particular referência à reformulação das configurações de governança urbana, metropolitana e regional sob o capitalismo neoliberal contemporâneo..

nbrenner@gsd.harvard.edu

Tradução: Pedro Paulo Machado Bastos

INTRODUÇÃO

Quais tipos de benefícios o “urbanismo tático” poderia oferecer às cidades que vivem sob a tensão do rápido crescimento populacional, que intensifica a reestruturação industrial (agravando a situação das infraestruturas físicas sociais – que passam a ser consideradas inadequadas), que aumenta em níveis cada vez mais crescentes a polarização das classes sociais (mantendo precariamente o funcionamento de instituições públicas em geral), e que ajuda a proliferar os desastres ambientais e a vertiginosa alienação popular? Uma exposição apresentada sobre o crescimento desigual das cidades no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) pretendeu explorar essa questão através de intervenções especulativas formuladas por uma equipe de arquitetos cuja missão era apresentar propostas de desenho urbano para seis “megacidades” do mundo: Hong Kong, Istambul, Lagos, Mumbai, Nova York e Rio de Janeiro¹. Essa exposi-

ção provocou um debate considerável a respeito da nossa condição urbana planetária contemporânea e, mais especificamente, sobre as capacidades profissionais dos arquitetos, designers, urbanistas e planejadores em conseguirem influenciar essa condição de forma mais progressista e produtiva.

Este debate é oportuno na medida em que os paradigmas herdados de intervenção urbana – desde aqueles presentes nos programas modernistas-estatistas da época do pós-guerra até as agendas “neoliberalizantes” e fundamentalistas do pós-1980 – parecem não ser mais viáveis de execução. Enquanto isso, como David Harvey observa em seu comentário sobre a exposição apresentada no MoMA, “a crise da urbanização planetária” está se intensificando. As megacidades e as economias territoriais mais amplas de que elas dependem parecem estar mal equipadas tanto em termos operacionais como políticos para resolverem os monstruosos problemas de governança e os conflitos sociais que enfrentam. Sob estas condições, Harvey declara sombriamente: “Estamos em meio a uma enorme crise – ecológica, social e política – de urbanização planetária sem que, aparentemente, consigamos conhecê-la ou mesmo delimitá-la”².

1 A exposição foi realizada no MoMA, Nova York, de 22 de novembro de 2014 até 25 de maio de 2015. Está documentada em Pedro Gadanh (ed.), no livro *Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities* (New York: The Museum of Modern Art, 2014). Para ler uma resenha, veja a de Mimi Zeiger, “Bottom-up, in-between and beyond: on the initial process of uneven growth,” post: Notes on Modern & Contemporary Art around the Globe, 4 de fevereiro de 2015: <http://post.at.moma.org/content_items/390-bottom-up-in-between-and-beyond-on-the-initial-process-of-uneven-growth>. Agradeço ao curador da exposição, Pedro Gada-

nho, por me convidar para contribuir com uma versão deste ensaio para a revista online do MoMA, e por sua exemplar integridade intelectual ao concordar em publicá-lo lá, apesar desta minha avaliação crítica do projeto.

2 David Harvey, “The crisis of planetary urbanization,” em *Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities*,



Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities



Digital Image © 2014 MoMA, N.Y.
This image will display properly on a monitor calibrated to 5500 K, 2.2 gamma when using the embedded working space profile

Contra esse pressentimento, os “urbanismos táticos” seriam capazes de oferecer soluções inteligíveis, ou, pelo menos, jogar luz sobre algumas perspectivas mais produtivas que ajudassem a delinear a projeção de futuros urbanos alternativos ao que se vê hoje? Seria irrealista esperar que qualquer abordagem única da intervenção urbana resolvesse os “problemas perversos” que enfrentam os territórios urbanizadores contemporâneos, especialmente numa época em que os modelos herdados para moldar as nossas condições urbanas são tão amplamente questionados³. Entretanto, apesar do tom cautelosamente exploratório dos textos opinativos de seus curadores no catálogo da exposição, o projeto do MoMA sobre o crescimento desigual articula um forte conjunto de reivindicações sobre os potenciais do urbanismo tático⁴. De

fato, a própria decisão de dedicar as plataformas públicas do Departamento de Arquitetura e Design do MoMA a um conjunto de propostas em torno do que chamamos de “urbanismo tático” sugere uma afirmação desse conceito. Nos vários documentos e textos associados à exposição, a noção de urbanismo tático é apresentada a partir de um quadro interpretativo robusto para a compreensão de uma variedade de experimentos emergentes de projetos urbanos em megacidades contemporâneas. O curador do MoMA, Pedro Gadanho, justifica a escolha desse conceito como base para estimular o debate e a experimentação prática sobre possíveis caminhos futuros de intervenção no design urbano e, acima de tudo, como meio de promover a “justiça social na concepção e apropriação do espaço urbano”⁵. À medida que a busca por novas abordagens para reorganizar nosso futuro urbano planetário coletivo ganha urgência crescente, esses discursos amplamente afirmativos em torno de um urbanismo tático exigem um exame crítico⁶.

ed. Pedro Gadanho (New York: The Museum of Modern Art, 2014), p. 29.

3 Sobre esses “problemas perversos” na área do planejamento urbano, ver artigo de Horst Rittel e Melvin Webber, “Dilemmas in a general theory of planning”, *Policy Sciences* 4 (1973), pp. 155–69.

4 Ver Barry Bergdoll, “Preface”, e Pedro Gadanho, “Mirroring uneven growth: a speculation on tomorrow’s cities today”, em *Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities*, ed. Pedro Gadanho (New York: The Museum of Modern Art,

2014), pp. 11–25.

5 Pedro Gadanho, “Mirroring uneven growth,” pp. 23.

6 Enquanto este capítulo foca principalmente nas agendas e visões apresentadas na exposição do MoMA, a noção de urbanismo tático atraiu um interesse, um engajamento e um deba-



Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities



Digital Image © 2014 MoMA, N.Y.

This image will display properly on a monitor calibrated to 5500K, 2.2 gamma when using the embedded working space profile

CRISE URBANA, RESPOSTAS TÁTICAS

No catálogo da exposição, Gadanh e vários outros curadores e pensadores urbanos influentes em nível internacional (incluindo Barry Bergdoll, Ricky Burdett, Teddy Cruz, Saskia Sassen e Nader Tehrani) enquadram a compreensão do urbanismo tático que fundamentou essa mostra. Eles oferecem uma variedade de reflexões contextuais e formulações interpretativas para explicar os elementos essenciais do urbanismo tático. Em meio a orientações e preocupações díspares, surgiram vários pontos de convergência:

- O urbanismo tático surge no contexto de uma crise de governança mais ampla nas cidades contemporâneas, em que tanto os Estados como os mercados falharam sistematicamente na entrega de bens públicos básicos (como habitação, transporte e espaço público) às populações urbanas em rápida expansão.
- O urbanismo tático não é um movimento ou técnica unificado, mas uma rubrica geral através da qual se pode captar uma ampla gama de projetos urbanos emergentes, provisórios, experimentais e *ad hoc*;
- O urbanismo tático é mobilizado “de baixo para cima” através de intervenções organizacionais, culturais e ideologicamente diversas para enfrentar as questões urbanas emergentes. Os designers profissionais, bem como governos, desenvolvedores e corporações, em geral, podem participar e estimular ativamente o urbanismo tático. Mas, suas fontes geradoras devem estar fora do controle de qualquer ideologia específica de especialistas ou qualquer instituição específica, classe social ou coligação política;
- O urbanismo tático propõe modos de intervenção imediatos, “acupunturais”, em relação a questões locais vistas como extremamente urgentes por seus proponentes. Seu horizonte de tempo é, portanto, relativamente curto, até mesmo “impulsivo” e “espontâneo”. Sua escala espacial também tende a ser relativamente circunscrita a um

limite bem determinado – por exemplo, ao parque, ao prédio, à rua ou ao bairro;

- Projetos específicos de urbanismo tático podem evoluir de forma fluida em relação a mudanças mais amplas nas condições político-econômicas, arranjos institucionais ou dinâmicas de coalizão. Essas qualidades de maleabilidade e de abertura são amplamente elogiadas nas discussões sobre o urbanismo tático, geralmente em contraste com os planos abrangentes, os códigos jurídicos formais e os esquemas rígidos que caracterizavam os projetos modernistas-estatistas de intervenção urbana;
- O urbanismo tático geralmente promove uma visão de base, participativa, prática e de “faça você mesmo” de reestruturação urbana, na qual aqueles que são mais diretamente afetados por uma questão mobilizam-se ativamente para enfrentá-la, podendo, ainda, mobilizar-se continuamente para influenciar a evolução dos métodos e das metas necessárias de alcance. Por esta razão, o urbanismo tático é, muitas das vezes, apresentado como um modelo de ação de “fonte aberta” e como uma forma de “reapropriação” do espaço urbano por seus usuários.

A maioria dos comentaristas envolvida na referida exposição apresenta projetos urbanísticos táticos como alternativa aos paradigmas modernista-estatista e neoliberal de intervenção urbana – por exemplo, porque se fundamentam na democracia participativa; porque visam a promover a coesão social; porque não são formalmente pré-programados ou impostos “de cima para baixo”. Contudo, é o perfil da oposição do urbanismo tático às formas modernas e abrangentes de planejamento urbano aquele que mais fortemente foi demarcado nas narrativas bastante extensivas associadas à mostra. Estas narrativas argumentam que os modos modernista-estatista de planejamento urbano recuaram devido à ascensão ideológica do neoliberalismo, estando muito associada, além disso, ao “desmantelamento dos Estados-nações” (Saskia Sassen) desde os anos 1980. Na medida em que alguns elementos e ramificações dessa tradição ainda estão sendo mobilizados nas megacidades do mundo em desenvolvimento através de um planejamento holístico e abrangente de “ação de cima para baixo”, eles estão frequentemente “envolvidos em políticas ineficientes, burocracia corrupta e insuficiência econômica” (Pedro Gadanh). O urbanismo tático é assim apresentado como um potencial paliativo para remediar certos problemas urbanos que as instituições estatais e os procedimen-

te mais amplos entre as disciplinas de design e de outras para além dessa. Para ver resenhas e explicações de alguns dos proponentes desse conceito, ver Mike Lydon e Anthony Garcia, *Tactical Urbanism: Short-Term Action for Long-Term Change* (Washington, D.C.: Island Press, 2015); Jaime Lerner, *Urban Acupuncture* (Washington, D.C.: Island Press, 2014); e Karen Franck e Quentin Stevens (eds.), *Loose Space: Possibility and Diversity in Urban Life* (New York: Routledge, 2007).

tos formais de planejamento urbano, em particular, não conseguiram discutir adequadamente até agora.

CORROMPER O URBANISMO NEOLIBERAL?

No entanto, apesar das muitas afirmações otimistas dos contribuintes para a exposição “Uneven Growth”, é necessário reconhecer que não está muito claro o conhecimento sobre a melhor maneira de os projetos associados ao urbanismo tático combaterem efetivamente o urbanismo neoliberal. De fato, especialmente à luz da retórica estridentemente antiplanejamento que permeia muitas intervenções táticas urbanas – e sua tendência em privilegiar mobilizações informais, incrementais e *ad hoc* sobre programas de reforma de maior escala e de longo prazo financiados publicamente –, parece razoável perguntar de que maneira, na realidade, essa alternativa geraria qualquer fricção mais séria contra o neoliberalismo e, principalmente, sobre sua capacidade de corrompê-lo⁷. Em alguns casos, os tipos de urbanismos táticos parecem mais propensos a reforçar os urbanismos neoliberais, aliviando-os temporariamente, ou talvez simplesmente deslocando alguns de seus efeitos sociais e espaciais perturbadores, mas sem interromper os regimes básicos associados a um desenvolvimento urbano – tudo isto sem desafiar a confiança fundacional das instituições governamentais que sustentam o projeto neoliberal.

A relação entre as formas de urbanismo tático e neoliberal é, assim, consideravelmente mais complexa, contenciosa e confusa do que é geralmente reconhecido nas contribuições para o debate sobre o crescimento desigual mostradas na exposição, assim como em outras afirmações contemporâneas a respeito dessas abordagens mais táticas. Não se pode simplesmente presumir que, por causa de suas lógicas operacionais ou orientações político-normativas, as intervenções táticas vão de fato contra-atacar o urbanismo neoliberal. Pelo contrário, como ilustra a lista abaixo, não se pode imaginar menos de cinco tipos específicos de relação entre esses projetos, dos quais apenas dois (4 e 5 na lista) podem envolver algum tipo de desafio à política urbana fundamentalista de mercado. Há pelo menos três cenários altamente plausíveis nos quais o urbanismo tático terá impactos insignificantes ou ativamente benéficos sobre um re-

gime de regras urbanas “neoliberalizadas”:

- **Cenário 1: reforço.** O urbanismo tático alivia algumas das falhas de governança e consequências socioespaciais disruptivas do urbanismo neoliberal, mas sem ameaçar seu controle sobre o marco regulatório que governa o desenvolvimento urbano.
- **Cenário 2: entrincheiramento.** O urbanismo tático internaliza uma agenda neoliberal (por exemplo, relacionada a uma diminuição do papel das instituições públicas e/ou uma extensão das forças de mercado) e, assim, contribui para o posterior enraizamento, consolidação e extensão do urbanismo neoliberal.
- **Cenário 3: neutralidade.** O urbanismo tático surge em espaços intersticiais que não são nem funcionais nem perturbadores ao projeto neoliberal. Coexiste, assim, com o urbanismo neoliberal em uma relação que não é simbiótica nem parasitária, tampouco destrutiva.
- **Cenário 4: contingência.** O urbanismo tático abre um espaço de experimentação regulatória que, sob certas condições, contribui para a subversão dos programas neoliberais. Mas, em outros contextos, com muitas das mesmas condições presentes, isso não ocorre. Os impactos do urbanismo tático sobre o urbanismo neoliberal são, portanto, contingentes; esses impactos dependem diretamente de fatores extrínsecos a ele.
- **Cenário 5: subversão.** O urbanismo tático interrompe as lógicas básicas de uma governança urbana orientada para o crescimento e orienta-se para futuros urbanos alternativos baseados em formas mais profundas de inclusão, equidade social, democracia de base e justiça espacial.

O urbanismo tático pode ser narrado como uma alternativa autoevidente ao urbanismo neoliberal; mas, devemos perguntar: sendo este realmente o caso, como, onde, sob que condições, por quais métodos, quais consequências e para quem? O esclarecimento destas questões (inegavelmente complicadas) é essencial para se fazer qualquer consideração mais séria dos potenciais e limites do urbanismo tático em condições contemporâneas.

VICISSITUDES E VARIEDADES DO URBANISMO NEOLIBERAL

O urbanismo neoliberal, é bom sublinhar, não se trata de uma formação unificada e homogênea de gover-

⁷ O texto-chave sobre as formas neoliberais de governança urbana continua sendo o clássico ensaio de David Harvey: “From managerialism to entrepreneurialism: the transformation of urban governance in late capitalism”, *Geografiska Annaler: Series B Human Geography* 71, no. 1, pp. 3–17, 1989.

nança urbana, mas representa uma síndrome ampla de instituições, políticas e estratégias regulatórias de mercado⁸. Embora certamente ligada à ideologia do capitalismo de livre mercado, esta síndrome assumiu formas políticas, organizacionais e espaciais profundamente variadas em diferentes lugares e territórios do mundo e suas expressões político-institucionais têm evoluído consideravelmente desde as crises econômicas globais e os choques geopolíticos da década de 1970. Porém, diante de toda a diversidade contextual e mutação evolutiva, o denominador comum dos urbanismos neoliberais é o projeto fundamentalista do mercado de ativação das instituições públicas locais e capacitação dos atores privados para estender a mercantilização no tecido social urbano, coordenando a vida coletiva da cidade através de relações de mercado e promovendo, assim, o dismantelamento de espaços urbanos não mercantilizados e autogestionários.

Como observou sucintamente Teddy Cruz, tudo isso tem promovido a “mudança do perfil das urbanizações beneficiando o modelo de muita lucratividade urbana para poucos”. Considerando a ideia de que “as urbanizações beneficiando muitos” corresponda amplamente aos megaprojetos agora desacreditados vinculados às técnicas de planejamento modernista-estatista, a promoção do “lucro urbano para poucos” tem sido a tendência predominante desde a década de 1980, tanto no mundo capitalista mais antigo, como no antigo mundo socialista do Estado e na maior parte do mundo pós-colonial e em desenvolvimento. Apesar da abundância de variações interterritoriais, de resistência social, de contestação política, mas também de repressão bastante contundente, essa tendência persiste, e até vem se intensificando, através das muitas ondas de reestruturação industrial e de crise financeira que “ricochetearam” em todas as zonas da economia mundial desde aquele período – especialmente desde a mais recente “grande recessão” da última metade da década. Os padrões de “crescimento desigual” examinados na exposição do MoMA devem ser entendidos como expressões diretas de um produto. Nader Tehrani destaca, de forma produtiva, esse ponto fundamental na sua contribuição para o catálogo da exposição, questionando se as condições urbanas nas megacidades contempo-

râneas resultariam menos de percalços de projetos anteriores, crescimento populacional explosivo ou da expansão física sintetizada na ausência das condições básicas para uma política de bem-estar social: acesso à educação, à saúde e à moradia⁹.

Portanto, não seria nem a condição urbana contemporânea “como tal” tampouco as ineficiências do planejamento urbano pós-guerra, modernista-estatista, que mais diretamente acionaram para as situações e problemas aos quais as formas contemporâneas de urbanismo tático estão procurando responder. Ao invés disso, os urbanismos táticos de hoje vêm surgindo em contextos poderosamente corrompidos e remodelados por formas histórico-geográficas específicas de urbanização neoliberal, baseadas no projeto de classe que restringe o “direito à cidade” (Henri Lefebvre) aos mais ricos, à elite e aos poderosos, reorientando grandes investimentos públicos e regimes políticos de modo que esse projeto seja priorizado acima de todos os outros¹⁰. Apesar de suas persistentes falhas de governança, de suas consequências socioambientais poderosamente destrutivas e de suas – cada vez mais – evidentes vulnerabilidades ideológicas, o neoliberalismo continua representando o “senso comum” assumido sobre o qual a prática de desenvolvimento urbano em todo o mundo ainda está sendo forjada. A questão de como os designers podem contribuir para futuros urbanos alternativos deve, portanto, ser enquadrada mais diretamente – e, na minha perspectiva, muito mais combativamente – em relação à aparente resiliência e elasticidade das formas neoliberais de governança urbana.

Uma consequência importante a ser percebida nessas observações é a proposição de que as disciplinas de arquitetura e design poderiam aumentar significativamente sua capacidade de realizarem intervenções urbanas duradouras e progressivas, engajando-se mais sistematicamente em questões de um (re)projeto institucional – isto é, criando um sistema de regras vinculadas coletivamente de modo a governar a produção, uso, ocupação e apropriação do espaço¹¹. Estes últimos são pontos indiscutivelmente ainda mais essenciais para as visões ambiciosas futuras das megacidades propostas na exposição *Uneven*

8 Ver Neil Brenner, Jamie Peck and Nik Theodore, *The Afterlives of Neoliberalism*. Civic City Cahiers (CCC) (London: Bedford Press / Architectural Association, 2012); Neil Brenner, Jamie Peck e Nik Theodore, “Variegated neoliberalization: geographies, modalities, pathways,” *Global Networks* 10, no. 2, pp. 182–222, 2010; e Jamie Peck, Nik Theodore e Neil Brenner, “Neoliberalism resurgent? Market rule after the great recession,” *South Atlantic Quarterly* 111, no. 2, pp. 265–88, 2012.

9 Nader Tehrani, “Urban challenges: specifications of form and the indeterminacy of public reception”, em *Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities*, ed. Pedro Gadanho (New York: The Museum of Modern Art, 2014), p. 60.

10 Ver David Harvey, *A Brief History of Neoliberalism* (Oxford: Oxford University Press, 2005).

11 Para ver um argumento paralelo, busque por Jerold Kayden, “Why implementation matters,” *Harvard Design Magazine* 37 (2014): 57–59. Elaboraões adicionais são mostradas de forma produtiva em Simin Davoudi e Ali Madanipour (eds.), *Reconsidering Localism* (London: Routledge, 2015).

Growth do que os projetos táticos e acupunturais de reestruturação física e infraestrutural em si com os quais se concentra a maior parte da exposição. De fato, não havendo um papel de participação mais assertiva das instituições governamentais – financiadas publicamente por meio de um regime tributário mais justo, democraticamente legitimado, legalmente regulamentado e transparente, além de orientado para o interesse público – é difícil imaginar como as propostas táticas dos urbanistas apresentadas na exposição poderiam atingir os impactos de maior escala e longo prazo com os quais os contribuintes da mostra se mostraram preocupados.

É aqui onde deparamos com uma contradição potencialmente séria. A retórica antiestatal e antiplanejamento de muitas intervenções táticas urbanistas pode, na prática, reduzir significativamente a capacidade de enfrentar os desafios, aumentando, por outro lado, os riscos de insucesso. Na medida em que os defensores do urbanismo tático enquadram sua agenda como uma alternativa ao papel ativista das instituições públicas na produção do espaço urbano, podem acabar reforçando os regimes neoliberais aos quais eles aparentemente fazem oposição. Isso não é, de forma alguma, sugerir que os projetos de urbanismo tático devem ignorar os sérios deficits da ação estatal nas megacidades contemporâneas. Pelo contrário, a crítica de como as políticas de Estado voltadas para o mercado (incluindo a privatização, a desregulamentação e a liberalização) vem minando as instituições públicas em prol de formas de privatizadas de apropriação urbana é essencial para implantar qualquer projeto contraneoliberal e re-regulador. Mas, tão importante, neste contexto, é a demanda coletiva por um apoio público mais amplo às dimensões-chave da reprodução social, que são as infraestruturas básicas associadas à habitação, ao transporte, à educação, ao espaço público, à saúde, à recreação, à expressão cultural etc.¹² O ponto aqui, então, é simplesmente observar a tendência de se gerar profundas tensões entre o projeto de se encontrar alternativas viáveis ao urbanismo neoliberal e a qualquer tradição de intervenção urbana, tática ou não, que procure distanciar-se das instituições, atribuições e responsabilidades do Estado.

Em sua contribuição para o catálogo da exposição *Uneven Growth*, Teddy Cruz oferece uma formulação precisa e assertiva dos principais desafios associados a esse estado da arte, especialmente entre os arquitetos e designers:

12 Quem dá alta relevância a essas questões é Robert Lake, em “Bring back big government,” *International Journal of Urban and Regional Research* 26, no. 4, pp. 815–822, 2002.

Without altering the exclusionary policies that have decimated a civic imagination in the first place, architecture will remain a decorative tool to camouflage the neoconservative politics and economics of urban development that have eroded the primacy of public infrastructure worldwide [...] the major problems of urbanization today [...] are grounded in the inability of institutions of urban development to more meaningfully engage urban informality, socioeconomic inequity, environmental degradation, lack of affordable housing, inclusive public infrastructure, and civil participation.¹³

Esse é fundamentalmente o dilema da questão: como os urbanismos táticos podem fazer mais do que servir de “camuflagem” às vicissitudes, aos deslocamentos e às tendências de crise do urbanismo neoliberal? A formulação de Cruz ressalta uma das condições-chave sob as quais essa alternativa poderia começar a ser posta em prática: através da reformulação do design, não apenas como uma “ferramenta decorativa” ou conjunto formal de técnicas de contratação pelas classes dominantes, mas como base para se fazer perguntas críticas acerca do urbanismo contemporâneo, funcionando, do mesmo modo, como um conjunto de capacidades criativas coletivas compartilhadas através das quais pode ser “coproduzida a cidade, assim como novos modelos de convivência e coexistência para se avançar na agenda de inclusão socioeconômica”. Esses objetivos não podem ser realizados simplesmente através do redesenho e da reapropriação de locais físicos específicos dentro da cidade, pois exigem a criação de “um novo papel para uma política progressista, [e] uma forma de governo mais eficiente, transparente, inclusiva e colaborativa”¹⁴. Ou seja, a busca por urbanismos alternativos exige a criação não só de novos espaços urbanos, mas de novos espaços de Estado, também.

DESVIO, RETIRADA, REGRESSÃO...

Essas considerações fornecem uma perspectiva crítica

13 Cruz, “Rethinking uneven growth”, p. 51. Em tradução livre: “Sem alterar as políticas de exclusão que dizimaram uma imaginação cívica, a arquitetura continuará a ser uma ferramenta decorativa para camuflar a política neoconservadora e a economia do desenvolvimento urbano que têm corroído a primazia da infraestrutura pública mundial [...] os principais problemas da urbanização hoje [...] baseiam-se na incapacidade das instituições de desenvolvimento urbano de cuidar, de forma mais significativa, da informalidade urbana, da desigualdade socioeconômica, da degradação ambiental, da falta de habitação acessível, da infraestrutura pública inclusiva e a participação civil”.

14 Ibid., 55.

a partir da qual se pode examinar mais a contento algumas das propostas de design para megacidades contemporâneas em exibição no MoMA's Uneven Growth naquela ocasião. A função de Gadanho, do curador do MoMA, para as seis equipes de design não era apenas propor uma intervenção tática para uma megacidade específica— “perspectivas acupunturais sobre como a mudança para melhor poderia ser induzida em diversos contextos urbanos” —, mas, ao fazê-lo, oferecer uma nova perspectiva de como uma arquitetura socialmente engajada poderia refletir-se, tanto hoje como no futuro. Devemos, portanto, considerar os materiais expositivos, ao mesmo tempo, como possíveis cenários para um futuro urbanismo e, também, como visões de como as disciplinas de design podem usar abordagens táticas para contribuir para a realização dessas projeções. Gadanho enfatiza que o objetivo da exposição não é oferecer soluções imediatas para os problemas urbanos atuais, mas apresentar visões mais amplas e especulativas que possam “alimentar o debate público sobre essas questões”. Concomitantemente, ele enfatizou adequadamente a necessidade de escalabilidade, ou seja, a perspectiva de uma aplicação translocal de ideias táticas progressivas — “soluções que poderiam ser replicadas em contextos diferentes”. Mesmo que aproveitem as capacidades especulativas do design, as propostas exibidas na exposição não são claramente significadas para que sejam vistas como ficções puras, pois são apresentadas como ferramentas críticas “para refletir sobre os problemas de hoje”.¹⁵

A minha impressão é que apenas algumas das propostas de design apresentadas na exposição respondem eficazmente a esta missão. Enquanto os teóricos da exposição concordam amplamente sobre os contornos de um urbanismo tático, há evidentemente uma confusão considerável, ou talvez simplesmente uma divergência, sobre o significado e implicações desta noção entre os próprios designers. Embora todos os cenários de projeto sejam apresentados sob a rubrica compartilhada do urbanismo tático, alguns têm pouca semelhança com uma intervenção acupuntural, participativa, e de fonte aberta. De fato, várias das propostas de projeto apresentadas na exposição envolvem megaprojetos em larga escala acompanhados de transformações na paisagem que provavelmente só poderiam ser implementadas através de um poderoso e bem-dotado aparato estatal. Logo, são difíceis de encarar como mais do que resultados parciais de métodos táticos. Enquanto isso, outras propostas de projeto são consistentemente enquadradas em parâmetros táticos, mas produzem

uma visão do futuro urbano inteiramente compatível com as prioridades neoliberais. Tais intervenções podem responder de forma eficaz às questões especulativas sobre o futuro das megacidades colocadas para as equipes de design, embora ignorem as complexidades de explorar alternativas reais ao sistema atualmente dominante de regra do mercado.

Várias propostas contornaram inteiramente questões aplicáveis. Com base em esforços de pesquisa locais e visualizações associadas, eles propõem soluções de design relativamente descontextualizadas dos problemas prementes do desenvolvimento das megacidades — por exemplo, em relação à escassez de água, à falta de terras para habitação, aos estrangulamentos de transporte ou às questões de fornecimento de energia. De fato, várias das propostas podem ser mais facilmente classificadas dentro do gênero bastante familiar de fantasias distópicas de design e profecias tecnológicas em relação às quais o curador Pedro Gadanho propõe distinguir considerando o projeto mais socialmente engajado do MoMA. Por coligarem as formidáveis restrições associadas à implementação de um projeto sob um regime de regras neoliberalizado, esses cenários de projeto permanecem em um nível puramente hipotético, como visões de um universo alternativo utópicas no sentido literal da palavra, já que não estão localizados em nenhum lugar. Assim, esses projetos põem inegavelmente em evidência as capacidades do pensamento contemporâneo do design, muitas vezes com impressionantes recriações visuais, mas que teriam um impacto consideravelmente maior caso a viabilidade para a realização desses projetos fosse mais séria e previamente debatida. Tais propostas podem muito bem ter outros méritos — por exemplo, compromissos criativos com ambientes específicos de megacidade e contribuições para a cultura arquitetural global. No entanto, os espectadores que procuraram na mostra Uneven Growth alguns recursos intelectuais e práticos para elaborar alternativas ao urbanismo neoliberal não se viram suscetíveis de encontrarem respostas plausíveis para as suas preocupações.

ABERTURAS ESTRATÉGICAS?

Entre as contribuições para a exposição Uneven Growth que mais diretamente tentaram mobilizar intervenções táticas como parte de um “ataque” mais amplo ao urbanismo neoliberal, os cenários elaborados pela equipe de design de Mumbai (Laboratório URBZ / Ensemble-POP), a equipe de design de Istambul (Atelier d'Architecture Autogérée / Superpol) e uma das equipes da cidade de Nova York (Co-habitation Strategies-CohStra) são particularmente

¹⁵ Gadanho, “Mirroring uneven growth”. Todas as citações no parágrafo precedente variam das páginas 16 a 23.

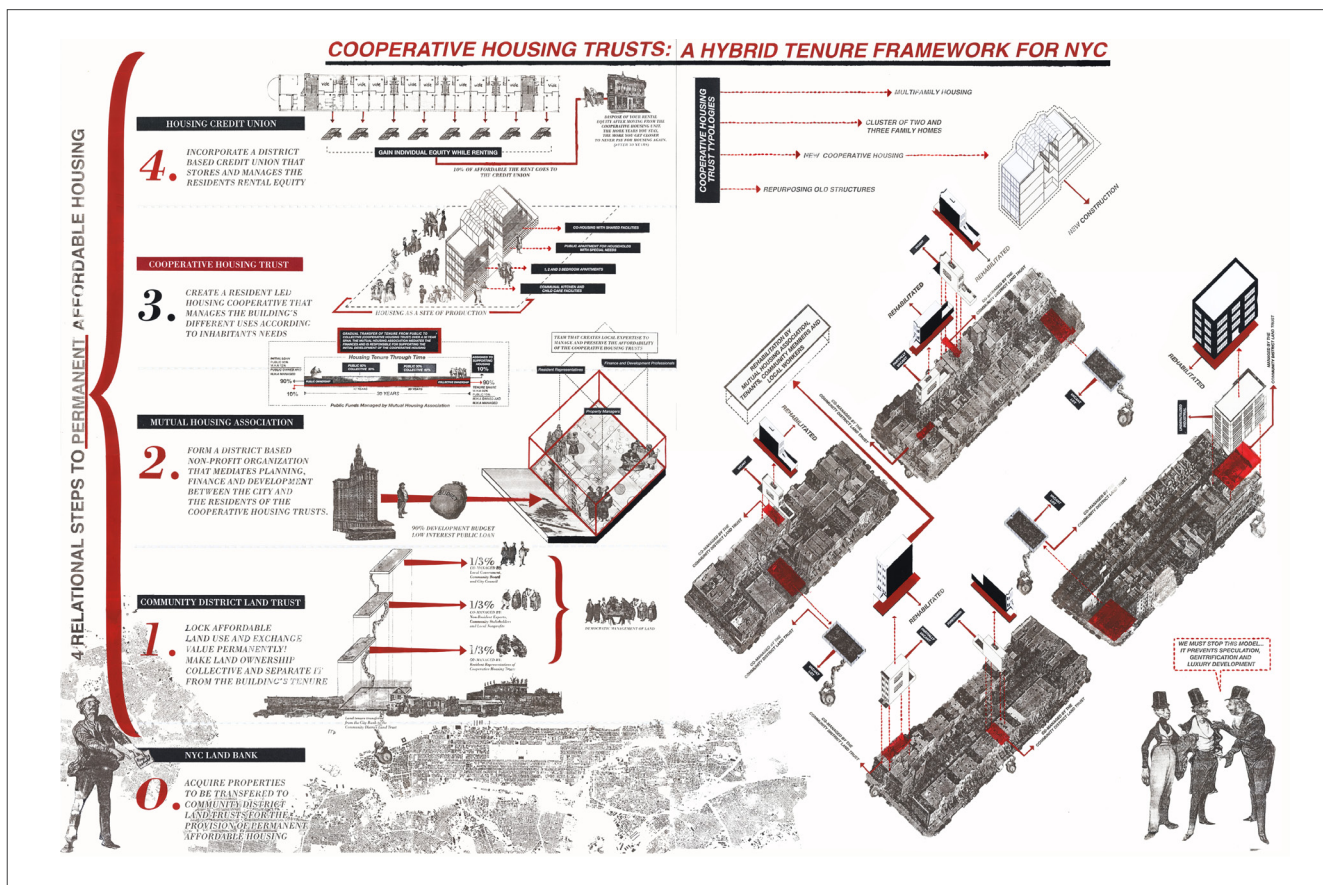
promissoras. Particularmente, cada uma das equipes assentou suas estratégias através de um engajamento particular com a questão da habitação, que tem sido um terreno fundamental de intervenção de projeto e luta política ao longo da história da urbanização capitalista, e que, certamente, é marca fundamental deste “planeta das favelas”. Seguros do que propunham, as equipes ilustraram como uma visão ampliada do design – como um conjunto de capacidades combinadas de intervenção espacial, empoderamento social e crítica política – poderia contribuir para a luta em curso por intermédio de urbanismos alternativos.

As propostas de Mumbai, apresentadas pelo laboratório URBZ / Ensemble-POP, mobilizaram intervenções táticas para proteger os chamados bairros de “favelas”, como Dharavi e Shivaji Nagar em crítica às pressões da especulação imobiliária associadas à economia amplamente neoliberalizada e financeirizada de Mumbai. Esta foi uma proposta multifacetada, refletindo, talvez, as diferentes posições das equipes de projeto em relação à própria favela (URBZ é um grupo de designers ativistas com forte enraizamento nos bairros pobres de Mumbai, enquanto o laboratório POP é baseado no Massachusetts Institute of Technology – MIT). No núcleo, o projeto apresenta uma série de estratégias de projeto incremental para promover uma visão alternativa da “favela” como um espaço de produtividade e criatividade – uma “tábula

pronta”, na visão da equipe, ao invés de uma tábula rasa que pudesse ser prontamente arrasada para dar lugar a novas zonas de habitação de massa. Em vez de imporem um novo protótipo de habitação partindo de fora para dentro, os projetistas propuseram aprimorar práticas espaciais de urbanização que já estão em curso nesses bairros – tais como a integração de espaços residenciais com espaços de trabalho, ou com as “casas de ferramentas” [*tool houses*] existentes por lá. Ao fornecer um modelo de construção que permite aos moradores construir novas plataformas para o trabalho e para a vida cotidiana em pavimento superior ao de suas casas, cria-se, assim, uma rede de “supraestruturas” em um plano extensivo como um “tapete mágico” acima das telhas, mostrando como novas possibilidades de desenvolvimento econômico local endógeno e de interação social são vislumbradas. Os potenciais de desenvolvimento assim desencadeados serviriam de contraponto forte às ideologias dominantes da favela como espaço de atraso e de patologias, estimulando a elaboração de um padrão de crescimento urbano menos polarizado no tecido urbano-metropolitano.

Perguntas espinhosas permanecem, naturalmente, sobre o grau em que as intervenções táticas propostas poderiam, por si mesmas, proteger os bairros estrategicamente localizados em áreas pressionadas pela especulação imobiliária, especialmente na ausência de





um movimento político mais amplo que questione o modelo de mercado urbano em crescimento no qual a cidade de Mumbai se enredou após a liberalização da economia indiana na década de 1990. Por meio de quais mecanismos institucionais e coalizões políticas poderiam garantir a segurança dos moradores de favelas que vivem em zonas da cidade consideradas atrativas pelos interesses da “máquina de crescimento”? Como o geógrafo radical Neil Smith apontou há algum tempo, quando as instituições do governo local se alinham com os interesses do desenvolvimento para explorar esse rent gap no mercado de terra urbano, a resistência organizada provavelmente será enfrentada por meio de uma forte repressão¹⁶. No entanto, não há dúvida de que o design tem um papel fundamental a desempenhar na defesa de populações vulneráveis e bairros contra um maior desalojamento, desapropriação e deslocamento espacial. A proposta de Bombaim pelo laboratório URBZ / Ensemble-POP coloca esta questão de forma muito produtiva na agenda da exposição. Espera-se que inspire outros designers a assumirem esse modelo em outras megacidades, em colaboração com os habitantes e movimentos sociais locais, além de organizações não governamentais que compartilhem das mesmas

preocupações¹⁷.

Enquanto as propostas de projeto apresentadas pelas equipes de Istambul e de Nova York contêm importantes elementos arquitetônicos / morfológicos (pertencentes, por exemplo, a edifícios, infraestruturas e bairros), seu radicalismo criativo está fortemente enraizado em novos modelos de arranjos institucionais que capacitariam cada cidade, levando os habitantes de baixa ou média renda a ocuparem, apropriarem e regenerarem espaços atualmente abandonados, degradados ou sujeitos a novas formas de vulnerabilidade. No contexto de Nova York, a equipe da CohStra concentrou-se em uma variedade de espaços intersticiais ou subutilizados no núcleo da cidade – de lotes vagos e prédios abandonados a vários tipos de provisões de habitação de menor densidade – para propor uma estrutura alternativa para a propriedade da terra, provisão de habitação (associações de moradores), gestão de edifícios (cooperativas de habitação fiduciária) e financiamento doméstico (cooperativas comunitárias de crédito).

17 Para saber mais detalhes de como a equipe da URBZ procura desenvolver seu trabalho em Dharavi, além de suas ponderosas críticas sobre as diversas ideologias desenvolvimentistas associadas à “narrativa da favela”, veja Matias Echanove and Rahul Srivastava of URBZ, *The Slum Outside: Elusive Dharavi* (Moscow: Strelka Press, 2014).

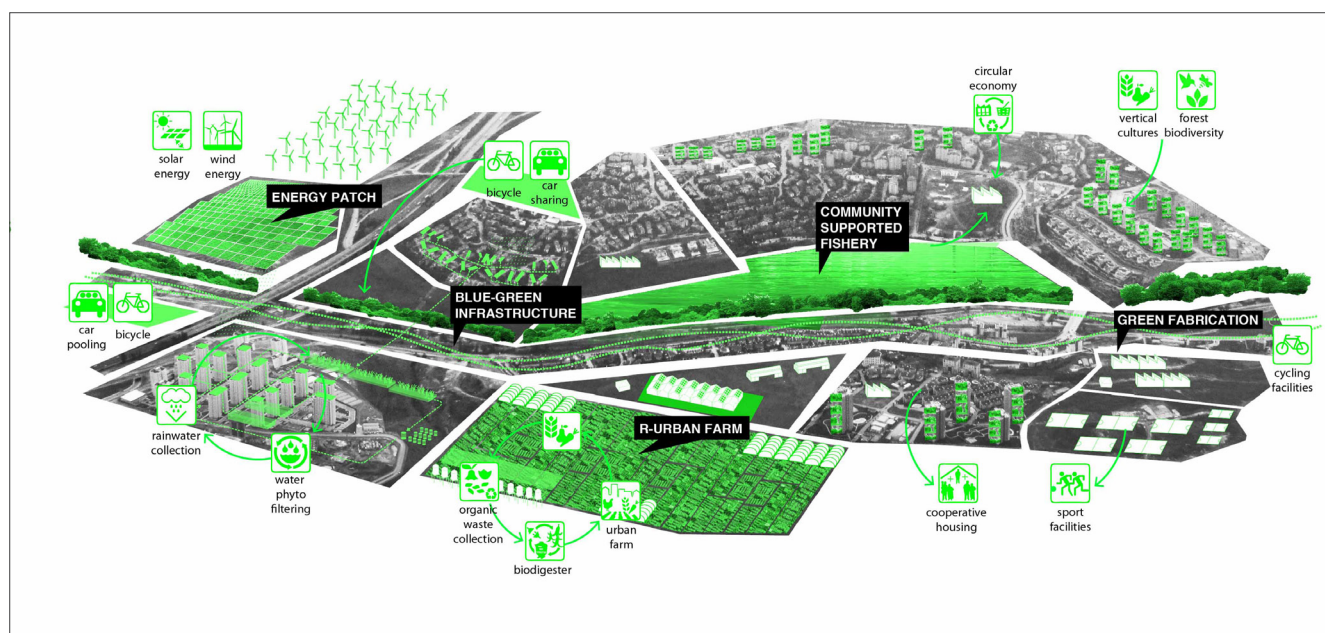
16 Neil Smith, *The New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City* (New York: Routledge, 1996).

No caso de Istambul, a proposta de design do Atelier d'Architecture Autogérée destina-se aos complexos habitacionais de massa que foram construídos para as classes médias mais burguesas durante o período pós-1990 pela Agência de Desenvolvimento de Moradias da Turquia, conhecida como TOKI, predominantemente localizadas em áreas mais periféricas, distritos dentro do território metropolitano que vivenciam rápida urbanização em Istambul. Aqui, os projetistas propõem a adaptação de conjuntos de casas da TOKI existentes e de suas paisagens circunvizinhas de forma a facilitar a criação de novas formas de autogestão comunal pelos habitantes – incluindo, como a proposta da CohStra para Nova York, outras formas de gestão coletiva de infraestrutura, como a agricultura comunitária e jardins, pesca, oficinas, fontes de energia verde e instalações em prol de reparos em geral.

Como acontece com a proposta da equipe de Mumbai, cada uma dessas intervenções táticas é enquadrada como uma resposta a um conjunto específico e imediato de ameaças à vida urbana impostas pelo modelo de crescimento neoliberal na cidade em questão: a “crise de acessibilidade” para nova-iorquinos economicamente ativos e a desestabilização do modelo de consumismo de classe média promovido em Istambul através da habitação em massa pela TOKI. No entanto, a CohStra e o Atelier d'Architecture Autogérée vão muito além de uma postura defensiva em relação a essas questões, onde ao invés de oferecerem unicamente uma perspectiva sobre como os espaços estão sendo degradados sob o urbanismo neoliberal, também oferecem uma perspectiva alternativa da cidade como espaço de vida comum e de autogestão coletiva. Em ambos os modelos, o sítio de interven-

ção de projeto é visto como um bem comum, um espaço de apropriação contínua e coletiva e de transformação por seus usuários. Ambas as equipes oferecem uma visão desse patrimônio como um processo com o qual os designers podem contribuir de maneira fundamental, não só elaborando propostas espaciais para a reorganização de funções habitacionais ou outras dimensões da reprodução social, mas repensando como tanto as instituições básicas como as privadas da propriedade, do investimento imobiliário orientado para o lucro, dos mercados de terras urbanas e da burocracia municipal podem ser transformados, e até substituídos, para atender às necessidades sociais, capacitando os habitantes urbanos a contribuírem para a criação de uma verdadeira esfera pública urbana.

Embora os projetos de Istambul e Nova York sejam apresentados em termos táticos, eles claramente se destinam a serem mais do que intervenções “acupunturais” pontuais. Parte do seu apelo, do meu ponto de vista, é precisamente o fato de eles oferecerem um modelo de urbanismo tático que pode ser intensamente escalonado e convertido em um abrigo municipal ou metropolitano contra o modelo neoliberal. Inicialmente, oferecendo uma espécie de enclave protegido para uma população vulnerável, cada projeto deveria ser transformado em uma alternativa generalizável às formas específicas de mercantilização da habitação e de acumulação por desapropriação que sustentaram e exacerbaram o “crescimento desigual” em suas respectivas megacidades. A meu ver, é esta tentativa reflexiva de conectar os métodos do urbanismo tático a um redesenho de duas localidades espaciais e instituições urbanas o que torna as propostas dessas equipes efetivas como ferramentas



para visualizarmos, de fato, alternativas à cidade neoliberal. Neste sentido, porém, as propostas do Atelier *d'Architecture Autogérée* e da CohStra avançam rapidamente para além do domínio do urbanismo tático: em vez de ser um ponto focal para a investigação como tal, este último torna-se uma espécie de plataforma de lançamento para prever e implementar uma “política do espaço” (Henri Lefebvre) – isto é, uma estratégia política de transformação socioespacial de grande escala.

Por outro lado, é claro, também vemos as inevitáveis questões da viabilidade de implementação aparecendo no horizonte imediato. Como essa visão dos bens comuns (e das práticas comuns) pode ser realizada quando os interesses de classe dominantes e as alianças políticas em cada megacidade continuam a promover um modelo de crescimento orientado para o lucro e para a especulação? Onde estão as forças sociais e as coalizões políticas que poderiam contrariar esse modelo, e em que medida eles realmente optariam pelo nível de coordenação coletiva e compartilhamento proposto por essas equipes de projeto? Como as economias alternativas locais poderiam ser protegidas das incursões de produtores orientados para o lucro, mais capazes de (por exemplo, através de economias de escala, ou formas mais racionalizadas de exploração do trabalho) oferecer produtos mais acessíveis ou desejáveis a consumidores sem dinheiro? Designers não podem responder a estas perguntas, pelo menos, não entre eles; qualquer decisão somente pode ser tomada através de deliberação política, debate público e luta em curso, tanto em nível local como em escalas supralocais. Mas, como a CohStra e o Atelier *d'Architecture Autogérée* tomaram o passo fundamental de integrar tais considerações político-institucionais e horizontes multiescalares em suas propostas espaciais, contribuíram, portanto, produtivamente para esse processo. As propostas também articulam uma visão mais socialmente engajada e politicamente combativa do que as disciplinas de design têm para oferecer à esfera pública urbana em uma época de aprofundamento da desigualdade e visões alarmantemente polarizadas de nossa visão global do futuro urbano.

DE VOLTA AO PLANEJAMENTO?

Dadas as dificuldades que algumas das equipes de projeto parecem ter tido com o quadro interpretativo do urbanismo tático, não podemos deixar de nos perguntar se essa linha de pensamento ofereceu um terreno muito estreito ou um conjunto de ferramentas muito limitado para se pensar nos vastos e variados desafios que estão surgindo atualmente

nas megacidades do mundo. No seu “Prefácio” ao catálogo da exposição, o curador do MoMA, Barry Bergdoll, antecipa esse enigma, notando a diferença entre a “escala modesta de algumas intervenções [táticas]” e as “dimensões da crise urbana e econômica mundial que precisam urgentemente de respostas”¹⁸. Diante destes desafios, seria injusto julgar ou censurar as equipes que optaram por ousar com propostas ambiciosamente grandes ao invés daquelas que se restringiram a pensar uma simples e mera “tática”.

Mas aqui surge uma contradição adicional ao projeto da exposição *Uneven Growth*. Uma forma mais pura de urbanismo tático teria que ser sistematicamente antiprogramática, pois só poderia manter uma abordagem consistentemente tática, resistindo e rejeitando qualquer movimento para a institucionalização¹⁹. No entanto, na medida em que os experimentos de desenho tático em exibição na mostra articulam uma visão mais ampla do urbanismo e da transformação urbana, necessariamente dependem da (eventual) articulação de uma visão abrangente do todo. A generalização do urbanismo tático implicará, assim, a sua autodissolução ou, mais precisamente, a sua transformação num projeto que requer uma coordenação a ser pensada mais a longo prazo; uma coordenação que também seja estabilizada, executiva e vinculada ao coletivo; e algum tipo de pessoal destinado às tarefas de gestão territorial – ou seja, planejamento. Retornamos, dessa maneira, ao terreno supostamente desacreditado e ultrapassado do modernismo-estatista, ao reino das grandes ambições, aos grandes planos, aos elaborados procedimentos burocráticos e aos planos abrangentes, em oposição aos quais os preceitos do urbanismo tático são recorrentemente enquadrados. Mesmo que se prefiram os métodos táticos sobre os de burocracias de perfil top-down (ou, aliás, os de desenvolvedores famintos por lucros e corporações transnacionais), parece que uma séria discussão sobre os planos territoriais em larga escala, a (re)organização institucional, os

18 Bergdoll, “Preface,” 12. In his “Introduction” to a closely related MoMA exhibition, curated by Andres Lepik, *Small Scale, Big Change: New Architectures of Social Engagement* (New York: Museum of Modern Art, 2010), Bergdoll offers a closely related assessment, suggesting that a “potential middle ground” must today be found between the heroic visions of modernism and the radical aestheticism of postmodernism.

19 In his writings on the right to the city and autogestion in the 1970s, radical urban theorist Henri Lefebvre wrestled repeatedly with an earlier version of this dilemma. See, among other texts, “The right to the city,” in Henri Lefebvre, *Writings on Cities*, ed. and trans., Eleonore Kofman and Elizabeth Lebas (Blackwell: Cambridge, 1996). See also Henri Lefebvre, *State, Space, World: Selected Writings*, ed. Neil Brenner and Stuart Elden, trans. Gerald Moore, Neil Brenner and Stuart Elden (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009).

códigos legais e suas estratégias políticas de implementação é inevitável, pelo menos se o objetivo for realisticamente vislumbrar um futuro mais social e espacialmente justas, democráticas, habitáveis e ambientalmente saudáveis para as megacidades do que a atual condição urbana global assinala.

Para quem simpatiza com o urbanismo tático e com o projeto de transformação urbana progressiva em larga escala, lidar com essa contradição é provavelmente inevitável. Poderia ser algo produtivo, e até mesmo sustentável? Talvez o potencial radical do urbanismo tático resida menos em seu papel como um método multifacetado para projetar futuros urbanos, do que como um contrapeso radicalmente democrático a qualquer e todos os sistemas institucionais, seja ele governado pelo Estado, seja dominado pelo mercado ou de outra forma. Algumas das contribuições mais valiosas nessa exposição do MoMA servem precisamente para esse objetivo: elas apontam para a possibilidade de que, ao invés de serem instrumentalizadas para engenharia social, controle político, desfrute privado ou lucro corporativo, as capacidades dos projetos possam ser encaradas como ferramentas de capacitação para os usuários do espaço urbano, permitindo-lhes ocupar e apropriar-se dele, continuamente transformando-o, e, assim, produzir uma

cidade diferente da que qualquer um poderia ter programado antecipadamente.

Porém, mesmo neste enquadramento profundamente otimista do urbanismo tático, as “grandes questões” sobre como (re)projetar a cidade do futuro – sua economia, suas regras de desenvolvimento imobiliário e relações de trabalho, seus espaços de circulação, de reprodução social e da vida cotidiana, seus modos de governança, suas articulações com os fluxos de capital mundiais, suas interfaces com os processos ambientais / biofísicos e assim por diante permanecem completamente não resolvidas. Como o Departamento de Arquitetura e Design do MoMA continua seu engajamento produtivo com o urbanismo, esperamos que tais questões continuem na agenda deles e que as capacidades criativas dos designers possam ser aproveitadas para enfrentá-las com toda a força crítica, imaginação política e visão sistemática que o urbanismo tático exige. ■

Este artigo foi publicado originalmente no site do projeto “Post” - espaço on-line do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) - dedicado à arte e à história do modernismo em contexto global